

Apresentação

Os artigos deste número da Revista NERA destacam duas temáticas da questão agrária: a primeira é a importância do campesinato para solucionar problemas relativos ao desenvolvimento, fome, pobreza e meio ambiente; a importância da territorialização camponesa através da resistência e das lutas desenvolvidas pelos movimentos sociais contra o modelo neoliberal de desenvolvimento que é a fonte desses problemas. A segunda temática refere-se ao modelo de desenvolvimento do agronegócio, que, sendo insustentável por sua lógica desigual, não consegue solucionar os problemas da fome e da pobreza no mundo, tornando urgente a elaboração de políticas agrárias e agrícolas baseadas no modelo camponês, que pode auxiliar de forma mais eficaz e sustentável no equacionamento da fome e da pobreza. Essas duas temáticas são bem analisadas nos artigos deste número da Revista NERA, de modo que podemos tomar como compreensão geral o fato de que o desenvolvimento da agricultura camponesa ajuda na superação de parte importante dos problemas atuais.

A agricultura camponesa é reconhecidamente capaz de desenvolver sistemas realmente sustentáveis do ponto de vista ecológico e social. O seu desenvolvimento contribui para a solução da fome e da pobreza, pois sua prosperidade permite ao homem do campo melhores condições de vida e, ao mesmo tempo, oferecer alimentos de melhor qualidade e cuja produção requer menos emprego de energia. Além de ser comprovadamente eficaz para a tarefa de alimentar o mundo, como demonstram alguns dos artigos, a agricultura camponesa pode fazer isso de forma mais adequada frente à crise ambiental e energética que enfrentamos. Desta forma, o campesinato deve ser colocado no centro das discussões sobre o desenvolvimento e os problemas ambientais, da fome e de energia que atingem a todos.

No primeiro artigo, José Graziano da Silva, Sergio Gómez e Rodrigo Castañeda apresentam uma análise da contradição entre o *“Boom” agrícola e a persistência da pobreza rural na América Latina*. No estudo, desenvolvido para a FAO, os autores demonstram que o modelo de desenvolvimento adotado na região privilegiou o agronegócio, promoveu a modernização de alguns setores do campo e, ao mesmo tempo, conservou a pobreza no campo. Para ilustrar a situação que intensifica o problema no campo, os autores mostram que “a metade da população indigente de América Latina - 29 milhões de pessoas – vivem em zonas rurais, e hoje ainda existem 53 milhões de pessoas subnutridas na Região.” Segundo os autores, é por isso que esta contradição tem sido foco das discussões nos países e em diversos órgãos. São apresentados pelos autores alguns apontamentos para a solução do problema.

Miguel Altieri, no segundo artigo, defende que a produção camponesa é “elemento-chave para a segurança alimentar regional”. O autor parte dos problemas ecológicos e sociais inerentes ao sistema do agronegócio, baseado no neoliberalismo e na revolução verde, e de como a agricultura camponesa, herdeira de outras formas de produção (como a agroecologia) e de organização (como os movimentos sociais), pode contribuir para equacionar o problema ambiental e da fome no mundo de forma mais eficiente e sustentável.

O terceiro artigo, de Gustavo de Oliveira, que é a segunda parte de uma discussão iniciada em um artigo do mesmo autor publicado no número 15 da Revista NERA, trata da agroecologia como proposta para a “ameaça econômica e ambiental à sustentabilidade do agroecossistema global”. Para o autor, as questões estruturais desses problemas não são solucionáveis com reformas liberais, sendo necessária uma “reforma agrária fundamental” que vá além da reforma fundiária, de forma que propõe uma “reforma agrária agroecológica” para o Brasil.

O artigo de Frederico Firmiano trata de como a aposta no agronegócio como forma de inserção do Brasil na economia-mundo representa a submissão do Brasil a um novo colonialismo transnacional, além de representar o enfraquecimento da agricultura camponesa, de base sustentável, e o fortalecimento de um sistema alienante que é o agronegócio.

Virginia Rossi, escrevendo sobre a questão agrária no Uruguai, também apresenta questões relacionadas aos problemas que a agricultura camponesa enfrenta mediante a presença cada vez mais importante de capitais internacionais no campo uruguaio. Este processo, segundo a autora, tem ocasionado a concentração da terra e a desintegração do campesinato naquele país. Este quadro tem se agravado por mudanças rápidas e, para resolver esses problemas, a autora apresenta algumas ações que devem ser tomadas para fazer frente ao capital hegemônico.

Os problemas e o conflito do campo colombiano são analisados no artigo de Luis Carlos Patiño. O artigo parte da análise dos problemas do campo como elementos para pensar o ordenamento territorial do país levando em consideração aspectos demográficos, ocupacionais e étnico. O autor enfatiza o processo de expulsão (inclusive forçado) da população camponesa de seus territórios e subordinação à elite agrária.

Também sobre expropriação e resistência camponesa, Pratyusha Basu analisa a população atingida por barragens do rio Narmanda, na Índia. A autora faz uma comparação deste caso com as estratégias de lutas desenvolvidas por camponeses atingidos por outras barragens também na Índia. O centro da análise da autora é a forma “como movimentos situados em múltiplos lugares apropriam-se das vantagens da variedade de escalas e criam estratégias desde suas bases” para desenvolverem suas lutas.

Por fim e também tratando a resistência camponesa, Vagner Moreira escrever sobre a criminalização da luta pela terra no Brasil, tomando como referência o “levante comunista” de 1949, ocorrido em Fernandópolis, no noroeste paulista. A partir deste fato o autor realiza reflexões sobre o processo histórico de criminalização da luta pela terra no Brasil como estratégia das elites na tentativa de desarticular a ainda necessária reforma agrária.

Esperamos que o trabalho de todos os autores, aos quais agradecemos, contribua para o avanço na discussão sobre a necessidade da reforma agrária no Brasil e a atualidade da promoção da agricultura camponesa.

Eduardo Paulon Girardi
Editor